

**PARQUE NACIONAL SERRA DE ITABAIANA - LEVANTAMENTO DA BIOTA**

Oliveira, F.F., Ferrari, S.F. & Silva, S.D.B. 2005. *Mamíferos Não-Voadores* pp. 77-91. In: Parque Nacional Serra de Itabaiana - Levantamento da Biota (C.M. Carvalho & J.C. Vilar, Coord.). Aracaju, Ibama, Biologia Geral e Experimental - UFS.

---

---

**MAMÍFEROS NÃO-VOADORES**

*Francisco Filho de Oliveira  
Stephen Francis Ferrari  
Salvador Denisson Batista da Silva*

**Métodos**

Foram realizadas duas viagens de campo para coleta de mamíferos no domo de Itabaiana, em 2000 e 2004, com doze noites de coleta, durante as quais instalamos 30 armadilhas Sherman e 15 Tomahawk, para capturar pequenos mamíferos. As armadilhas, cevadas com fubá de milho e sardinha ou frutas, foram dispostas em linhas com intervalos de 5 metros, colocadas ao anoitecer e verificadas na manhã do dia seguinte. Para amostrar as áreas abertas, as armadilhas foram colocadas em agrupamentos de arbustos entre os riachos Coqueiro e Água Fria, em afloramentos rochosos e por entre as gramíneas e ciperáceas na margem direita do riacho dos Negros. Para amostrar as áreas fechadas, as armadilhas foram colocadas na mata do riacho Água Fria.

Os espécimes coletados durante a primeira excursão foram taxidermizados e depositados na coleção zoológica da Universidade Federal da Paraíba. Durante a segunda viagem, os espécimes foram preservados em formol 10% e se encontram no Departamento de Biologia da Universidade Federal de Sergipe. A coleta dos exemplares foi autorizada pelo Ibama, licença número 105/99.

Observações avulsas de outros mamíferos, obtidas durante o trabalho de campo, foram incluídas como registros quando a espécie foi identificada com confiança. Para complementar este inventário preliminar foi levantada a literatura pertinente (e.g. Fonseca *et al.*, 1996; Stevens & Husband, 1998; Eisenberg & Redford, 1999; Oliveira *et al.*, 2003) para verificar as espécies de mamíferos de provável ocorrência no domo, coletadas em Sergipe ou nas regiões vizinhas.

### Espécies registradas

Foram registradas doze espécies de mamíferos não-voadores no domo de Itabaiana (Tabela 1), pertencentes a seis ordens e sete famílias. A única ordem esperada para a localidade, mas não registrada, foi a Artiodactyla (veados e porcos-do-mato). Nenhum vestígio da presença de membros desta ordem – como pegadas ou fezes – foi encontrado. A ordem representada pelo maior número de espécies foi a Didelphimorphia, representada por cinco espécies de marsupiais. Apenas uma das espécies (*Cerdocyon thous*) foi registrada exclusivamente em hábitat aberto, enquanto sete espécies foram encontradas apenas na mata. As outras quatro espécies – representantes de quatro ordens – foram registradas nos dois hábitats.

O levantamento de dados da literatura (Tabelas 2-3) identificou outras cinquenta espécies de mamíferos da caatinga ou da mata atlântica, cuja distribuição geográfica conhecida indica sua presença no domo de Itabaiana. Entretanto, parece pouco provável que todas estas espécies possam ser encontradas no parque, considerando uma série de fatores, como descontinuidades naturais de distribuição, o tamanho da área, e sua longa história de ocupação humana.

No caso dos marsupiais e roedores (Tabela 2), é provável que, na maioria dos casos, a ausência de registros se deva principalmente ao esforço de amostragem relativamente limitado em comparação com a maioria dos levantamentos similares (e.g. Malcolm, 1988; Pires *et al.*, 2002; Oliveira & Langguth, 2004), além do que apenas os ambientes terrestres foram investigados, o que pode ter eliminado a possibilidade de capturar algumas espécies arborícolas (veja Malcolm, 1991). Para os demais mamíferos (Tabela 3), uma primeira consideração foi o tipo de coleta realizada, mais direcionada à captura de espécies de pequeno porte. De fato, os registros de espécies representantes das ordens da Tabela 3 foram de avistamentos, ao contrário de capturas (Tabela 1). O registro de *Felis tigrina* durante o presente estudo foi inesperado, considerando todos estes fatores e a raridade dos felídeos em geral. Seria prematuro julgar a partir deste único registro, mas pode indicar a presença no parque de uma fauna de mamíferos relativamente rica, pelos padrões atuais da região.

A necessidade de um inventário mais abrangente ficou clara aqui, e deve incluir procedimentos como o levantamento de transecção linear (e.g. Chiarello, 2000a; Cullen Jr. & Rudran, 2003), mais apropriados para o registro dos taxa da Tabela 3. A procura sistemática por vestígios como pegadas, fezes e tocas, pode ser

uma estratégia complementar importante. Outra abordagem complementar é a consulta com moradores locais experientes, principalmente caçadores. Estes informantes podem indicar não somente a presença atual de espécies no parque, como também a ocorrência histórica, o que pode ser um subsídio fundamental para o desenvolvimento de planos de manejo, incluindo possíveis reintroduções.

Além do valor informativo, o contato mais sistemático com membros da comunidade local é um importante subsídio para o desenvolvimento de programas de conscientização ambiental, bem como para a integração da comunidade em planos de manejo. Uma comunidade local bem informada e cooperativa é um pré-requisito essencial para a administração eficiente de qualquer unidade de conservação.

### **Distribuição local**

A maioria das espécies registradas (58,3%) foi encontrada somente nos habitats fechados (Tabela 1), embora poucas sejam especialistas deste habitat, com a exceção de *Monodelphis americana*, que parece ser endêmica da mata atlântica. Os registros de *Marmosa murina* foram inesperados, já que a distribuição desta espécie inclui a Amazônia e parte do cerrado (Eisenberg & Redford, 1999). Assim, sua presença no domo de Itabaiana pode representar um avanço no conhecimento da distribuição desta espécie.

A única espécie registrada exclusivamente de habitat aberto, *Cerdocyon thous*, também não é um especialista. Ao contrário, esta raposa é uma espécie com ampla distribuição na América do Sul, onde ocorre em uma variedade de ecossistemas, incluindo a mata atlântica e a floresta amazônica.

As espécies registradas nos dois tipos de habitats do domo de Itabaiana são tipicamente de distribuição relativamente ampla, no Nordeste ou no continente sul-americano, com destaque para o tapiti, *Sylvilagus brasiliensis*, que ocorre da Amazônia ao norte da Argentina. Entre os taxa ainda não confirmados (Tabelas 2-3), Stevens & Husband (1998) citam a presença de *Marmosops* e *Oxymycterus* nas matas do sul de Sergipe, e ainda do gambá *Didelphis marsupialis*. Este último caso parece ser um registro equivocado, considerando que a distribuição geográfica desta espécie é essencialmente amazônica, sendo a localidade mais próxima no Maranhão.

Esta questão aponta um problema adicional para o inventário adequado dos mamíferos do parque. Por exemplo, muitos gêneros de marsupiais e roedores têm taxonomia confusa e a identificação confiável das espécies exige um trabalho

criteroso, às vezes até com a inclusão de análises citogenéticas. A identificação confiável de espécies é fundamental para a avaliação adequada da riqueza da fauna, e de cada população.

Relacionado a isto, seria necessário confirmar a ocorrência atual no parque de espécies registradas em estudos anteriores (Santos, 1992), mas não encontradas no presente estudo, com destaque para *Tamandua tetradactyla*, que não foi registrada através da coleta de um espécime. É perfeitamente possível que uma espécie chegue à extinção local ao longo de um período de uma década ou mais, principalmente em um ambiente dinâmico como aquele do domo de Itabaiana.

### **Conservação**

Apesar de não ser o grupo de animais mais diversificado, a fauna de mamíferos não-voadores tem um papel de destaque em qualquer ecossistema neotropical, seja por suas funções ecológicas, seja pelo porte ou comportamento de algumas de suas espécies. Estes mamíferos – principalmente aqueles endêmicos da mata atlântica – são destaque também na lista da fauna brasileira ameaçada (Ibama, 2003), onde contribuem com uma proporção considerável das espécies em perigo de extinção. Por último, têm um papel proeminente em programas de conservação, devido principalmente a seu apelo junto ao público leigo.

Os dados disponíveis até o momento (Tabela 1) indicam apenas que a fauna de mamíferos do Parque Nacional Serra de Itabaiana ainda seja muito pouco conhecida, considerando o número de espécies cuja ocorrência é esperada na região (Tabelas 2-3). Entretanto, as doze espécies confirmadas no parque pertencem a seis das sete ordens de mamíferos esperadas, o que indica, pelo menos, a presença de uma fauna relativamente diversa. A falta de espécies da ordem Artiodactyla (porcos-do-mato e veados) é consistente com a escassez geral de mamíferos de grande porte. O único representante da ordem Primates, por exemplo, é o sagüi-comum (*Callithrix jacchus*), que alcança pouco mais de 300 gramas quando adulto, em comparação com um pouco mais de 1 kg no caso dos guigós (*Callicebus*) e 3 a 4 kg nos macacos-pregos (*Cebus*). Da mesma forma, o único felídeo da lista, *Felis tigrina*, é o menor dos gatos neotropicais, com peso adulto de pouco mais de 2 kg (Eisenberg & Redford, 1999).

Ainda não está claro se, e até que ponto, a escassez de registros das espécies de maior porte reflete simplesmente o esforço de amostragem realizado ou a ausência

real de algumas espécies da área do parque. O presente levantamento foi direcionado primariamente à coleta de espécimes de pequeno porte, como roedores e marsupiais, e todos os registros de carnívoros e primatas foram de avistamentos. Considerando que os mamíferos de maior porte são, regra geral, relativamente raros, a falta de registros poderia ter sido simplesmente o resultado da ausência de um esforço de amostragem direcionado. Afinal, o registro de espécies raras de mamíferos pode demorar literalmente anos, mesmo em localidades bem pesquisadas, como a ilha de Barro Colorado, no Panamá (Voss & Emmons, 1996).

Por outro lado, os mamíferos de maior porte tendem também a ser os mais vulneráveis a perturbações antrópicas, como a fragmentação de habitat e especialmente a caça (Chiarello, 2000b; Cullen Jr. *et al.*, 2000). Assim, é possível que a falta de registros de algumas espécies já seja um indicador de que estas sejam ou extremamente raras ou mesmo extintas localmente. Qualquer que seja o caso, o que é claro é que será necessário um levantamento bem mais abrangente para confirmar não somente a presença ou ausência das espécies listadas abaixo, como também a abundância de todas as espécies registradas, um parâmetro fundamental para o planejamento de estratégias de manejo. A permanência no parque de qualquer espécie dependerá da presença de uma população viável, que comporte um número mínimo de indivíduos, necessário para garantir sua sobrevivência e funcionamento a longo prazo (Lacy, 1993; Sjögren-Gulve & Ebenhard, 2000). Para muitos conservacionistas, um número de 500 indivíduos é considerado o limite mínimo necessário para garantir a viabilidade longitudinal de uma população da maioria das espécies de mamíferos.

Considerando isto, o tamanho do parque é um fator limitante básico para algumas espécies, principalmente – mais uma vez – aquelas de maior porte. A onça-parda (*Puma concolor*) é um bom exemplo aqui. A espécie é encontrada ao longo de todo o território brasileiro, mas um único indivíduo pode ocupar uma área de vida de dezenas ou até centenas de quilômetros quadrados (Eisenberg & Redford, 1999; Grigione *et al.*, 2002). Considerando que o Parque Nacional Serra de Itabaiana engloba uma área de pouco menos de oitenta quilômetros quadrados, fica claro que não poderia sustentar uma população de *P. concolor* de mais de uma dezena de animais.

Em isolamento, uma população deste tamanho seria muito suscetível aos efeitos de endocruzamento, perda de variabilidade genética, e eventos aleatórios

como epidemias e catástrofes naturais (Lacy, 1997; Strier, 2000). Entretanto, poderia contribuir para a conservação da espécie como parte de uma metapopulação, composta por uma rede local de áreas protegidas que abriga subpopulações interligadas por migrações (Cuarón, 2000; Pires *et al.*, 2002; Carroll *et al.*, 2003). Ocorre que a paisagem antrópica predomina na matriz que circunda a Serra de Itabaiana e, mesmo que onças-pardas possam ser encontradas nesta matriz, parece pouco provável que poderiam constituir uma metapopulação viável a longo prazo, ou seja, ao longo de centenas de gerações.

Assim, a presença no parque de um predador de topo como *P. concolor* seria uma faca de dois gumes. Por um lado, constituiria um bom indicador da existência de uma fauna relativamente rica, e poderia contribuir de forma positiva para a popularidade do parque como área de lazer e de conscientização. Por outro lado, a presença de uma população isolada e extremamente reduzida de *P. concolor* poderia chegar a representar um problema significativo de manejo, por duas razões principais.

A primeira se refere à necessidade de combater os eventuais efeitos do endocruzamento. Na ausência de um intercâmbio adequado com populações vizinhas, pode ser necessário realizar translocações de indivíduos, onde alguns membros da população seriam substituídos por animais de outras populações, geneticamente distintas. Além do processo de captura e soltura – atividades caras e arriscadas – um manejo adequado deste tipo exige uma série de trabalhos complementares, que incluem estudos genéticos e o monitoramento minucioso dos animais introduzidos, para verificar sua adaptação ao novo ambiente.

O segundo problema fundamental se refere à relação da população de onças com as comunidades rurais no entorno do parque. A proteção efetiva da população do parque pode resultar em um crescimento no número de animais, e eventualmente a invasão das áreas vizinhas. Obviamente, a presença de um grande felídeo em uma área rural pode gerar um conflito de interesses considerável, devido à possibilidade de ataques em criações e aos próprios seres humanos. Nos Estados Unidos, um caso clássico deste tipo de conflito pode ser visto na atual tentativa de recuperação das populações nativas de lobos (*Canis lupus*), que são protegidas por lei, mas pouco populares entre criadores de animais domésticos (e.g. Naughton-Treves *et al.*, 2003; Musiani & Paquet, 2004). Estratégias de manejo incluem o pagamento de indenizações aos criadores prejudicados, e eventualmente, o controle populacional. Qualquer que seja a estratégia, fica claro que a solução de um problema de manejo

deste tipo é complexa e financeiramente cara, especialmente considerando que se trata de apenas um membro de uma fauna de dezenas de espécies de mamíferos.

Todas as demais espécies de mamíferos enfrentam este mesmo conjunto de problemas, em maior ou menor grau, dependendo de suas características morfológicas (principalmente tamanho corporal) e ecológicas (dieta, comportamento e demografia). Apesar de seu porte, os ungulados (veados e porcos-do-mato) necessitam de proporcionalmente menos espaço do que os carnívoros, principalmente por serem consumidores primários. Se estivessem presentes no parque, esperaríamos encontrar populações de dezenas ou centenas de indivíduos, de veado (*Mazama* sp.) ou porco (*Tayassu pecari*), uma situação melhor do que a de *P. concolor*, mas ainda precária do ponto de vista da conservação a longo prazo. Espera-se que as comunidades rurais locais sejam mais tolerantes a estas espécies de ungulados do que a *P. concolor*, embora sejam muito apreciadas por caçadores.

Espécies de pequeno porte, como os sagüis, roedores e marsupiais, são bem menos exigentes com relação ao espaço, e espera-se uma maior viabilidade de suas populações. Por exemplo, um grupo de *C. jacchus* geralmente ocupa uma área de vida de 1 a 5 hectares (Alonso & Langguth, 1989; Pontes & Cruz, 1995), o que significa que um único quilômetro quadrado de floresta pode abrigar centenas de sagüis. Neste caso, o parque tem o potencial de abrigar uma população de alguns milhares de indivíduos, que não deveria necessitar de manejo ativo num futuro próximo. Mesmo assim, é importante lembrar que qualquer população de animais – principalmente aquelas localizadas em áreas isoladas ou degradadas – pode sofrer flutuações consideráveis de uma geração para outra, com implicações deletérias não somente para a espécie em questão, como também para o equilíbrio do ecossistema como um todo. Assim, é recomendável incluir algum tipo de monitoramento populacional dos mamíferos no plano de manejo do parque, visando garantir seu equilíbrio ecológico a longo prazo.

Nenhuma das espécies de mamíferos registradas no parque até agora consta na lista vermelha da IUCN (2004), embora o gato-do-mato (*F. tigrina*) seja citado na lista da fauna brasileira (Ibama, 2003). Outras espécies alistadas podem ocorrer no parque, a julgar por suas distribuições geográficas conhecidas. Por exemplo, todos os felídeos listados abaixo constam na lista brasileira, embora apenas *P. concolor* esteja classificado pela IUCN (2004), e mesmo assim, apenas como “próximo de perigo”. A presença confirmada de *F. tigrina* é um ponto positivo para

o parque, embora reste saber o tamanho e o *status* de sua população, e seu potencial do ponto de vista conservacionista.

O tatu-bola (*Tolypeutes tricinctus*) e o ouriço-preto (*Chaetomys subspinosus*) são outras espécies raras cuja distribuição pode incluir Sergipe (Eisenberg & Redford, 1999; Ibama, 2003). Ambas constam da lista brasileira, embora sejam classificadas como “vulneráveis”, e não ameaçadas, pela IUCN (2004). A presença de qualquer destas espécies no parque seria importante, não somente em termos de sua conservação, mas também em relação ao conhecimento científico destas taxa tão pouco conhecidos.

A presença no parque de três taxa – dois primatas e uma preguiça – seria de grande interesse para a conservação da fauna endêmica da mata atlântica. Os dois primatas, o guigó-de-sergipe (*Callicebus coimbrai*) e o macaco-prego-de-peito-amarelo (*Cebus xanthosternos*), são classificados pela IUCN (2004) na categoria “criticamente ameaçado”, que é a última antes de “extinto na natureza”. As duas espécies são endêmicas da mata atlântica de Sergipe e Bahia, onde sobrevivem nos últimos remanescentes da cobertura original, altamente fragmentada.

A presença de qualquer uma destas espécies de primatas no parque seria um avanço considerável para sua conservação, considerando a falta de áreas protegidas na região. Seria também um ponto muito positivo para o desenvolvimento do parque como catalisador de iniciativas para a proteção da fauna e flora locais. Os primatas estão entre as “espécies bandeira” mais populares nas campanhas ambientais, e tanto *Callicebus coimbrai* como *Cebus xanthosternos* têm papéis de destaque nas campanhas já em andamento em Sergipe e na Bahia. Caso presente no parque, qualquer uma destas espécies poderia se tornar emblemática para esta unidade, simbolizando seu papel na conservação dos ecossistemas locais.

A terceira espécie de interesse para a conservação é a preguiça-de-coleira (*Bradypus torquatus*), considerada ameaçada de extinção pela IUCN (2004). Ocorre na mata atlântica desde o Rio de Janeiro até a Bahia; possivelmente também em Sergipe (Eisenberg & Redford, 1999; Ibama, 2003). A preguiça-bentinho, *Bradypus variegatus* é menos abundante nas áreas onde ocorre *B. torquatus*, e parece mais provável que apenas uma destas espécies possa estar presente no parque. Precisamos saber qual e, mais uma vez, as características de sua população. Na ausência de outras espécies de destaque, como os primatas mencionados acima, *B. torquatus* poderia se tornar uma “espécie bandeira” para o parque, o qual se tornaria também



uma localidade importante para a conservação desta espécie rara e pouco conhecida.

Uma outra espécie ameaçada, o guigó *Callicebus barbarabrownae*, espécie da caatinga, pode também ocorrer no parque. Apesar de pouco provável, a presença no parque das duas espécies locais de *Callicebus* seria, além de um avanço importante para sua conservação, uma descoberta importante para o conhecimento da ecologia e zoogeografia – e até mesmo a filogenia – destes primatas tão pouco conhecidos.

Em suma, o nível atual de conhecimento da fauna de mamíferos do Parque Nacional Serra de Itabaiana aponta para a necessidade de levantamentos mais minuciosos, a fim de que possamos elaborar uma base de dados confiável para o desenvolvimento adequado de estratégias de manejo. A partir destes levantamentos é recomendável a implementação de monitoramentos ecológicos e populacionais, incluindo a matriz no entorno do parque. Seriam destaques aqui as espécies em maior perigo de extinção, mas lembrando que o equilíbrio de qualquer ecossistema depende do bem-estar de todas as suas espécies.

### Referências

- Alonso, C. & A. Langguth. 1989. Ecologia e comportamento de *Callithrix jacchus* (Primates: Callitrichidae) numa ilha de floresta atlântica. **Revista Nordestina de Biologia** 6:105-137.
- Bonvicino, C.R. & M. Weksler. 1998. A new species of *Oligoryzomys* (Rodentia, Sigmodontinae) from northeastern and central Brazil. **Zeitschrift für Säugetierkunde**, 63:90-103.
- Carroll, C., R.F. Noss, P.C. Paquet & N.H. Schumaker. 2003. Use of population viability analysis and reserve selection algorithms in regional conservation plans. **Ecological Applications** 13:1773-1789.
- Chiarello, A.G. 2000a. Density and population size of mammals in remnants of Brazilian Atlantic Forest. **Conservation Biology** 14: 1649-1657.
- Chiarello, A.G. 2000b. Influência da caça ilegal sobre mamíferos e aves das matas de tabuleiro do norte do estado do Espírito Santo. **Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão** 11-12:229-247.
- Cuarón, A.D. 2000. Effects of land-cover changes on mammals in a Neotropical region: a modeling approach. **Conservation Biology** 14:1676-1692.
- Cullen Jr., L., R.E. Bodmer & C.V. Pádua. 2000. Effects of hunting in habitat fragments of the Atlantic Forests, Brazil. **Biological Conservation** 95:49-56.
- Cullen Jr., L. & R. Rudran. 2003. Transectos lineares na estimativa de densidade de mamíferos e aves de médio e grande porte, pp. 169-180. *In: Métodos de estudo em biologia da conservação e manejo da vida silvestre*. (Cullen Jr, L., R. Rudran & C.V. Pádua, Eds.). Editora Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

- Eisenberg, J.F. & K.H. Redford. 1999. **Mammals of the Neotropics: The Central Neotropics. V. III. Ecuador, Peru, Bolivia, Brazil.** The University of Chicago Press. Chicago.
- Emmons, L.H., Y.L.R. Leite, D. Kock & L.P. Costa. 2002. A review of the named forms of *Phyllomys* (Rodentia: Echimyidae) with the description of a new species from coastal Brazil. **American Museum Novitates** 3380:1-40.
- Fonseca, G.A.B., G. Herrmann, Y.L.R. Leite, R.A. Mittermeier, A.B. Rylands & J.L. Patton, 1996. Lista anotada dos mamíferos brasileiros. **Occasional Papers in Conservation Biology** 4:1-38.
- Grigione, M.M., P. Beier, R.A. Hopkins, D. Neal, W.D. Padley, C.M. Schonewald & M.L. Johnson, 2002. Ecological and allometric determinants of home-range size for mountain lions (*Puma concolor*). **Animal Conservation** 5:317-324.
- Husband, T. P., G.D. Hobbs, C.N. Santos & H.J. Stillwel, 1992. First record of *Metachirus nudicaudatus* for northeast Brazil. **Mammalia** 56: 2.
- Ibama, 2003. Lista das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção. Anexo à Instrução Normativa nº 3, de 27 de maio de 2003, do Ministério do Meio Ambiente. <[www.ibama.gov/fauna](http://www.ibama.gov/fauna)>.
- IUCN, 2004. 2004 IUCN Red List of Threatened Species. <[www.iucnredlist.org](http://www.iucnredlist.org)>.
- Jerusalinsky, L., M.M. Oliveira, V. Santana, R.F. Pereira, M.C. Sousa, P.C. Bastos & S. Ferrari, 2005. Mapeamento das áreas de ocorrência do guigó, *Callicebus coimbrai* Kobayashi & Langguth, 1999, em Sergipe - resultados preliminares. **Resumos do XI Congresso Brasileiro de Primatologia** pp. 114.
- Lacy, R.C. 1993. VORTEX: a computer simulation model for population viability analysis. **Wildlife Research** 20:45-65.
- Lacy, R.C. 1997. Importance of genetic variation to the viability of mammalian populations. **Journal of Mammalogy** 78:320-335.
- Malcolm, J.R. 1988. Small mammal abundances in isolated and non-isolated primary forest reserves near Manaus, Brazil. **Acta Amazonica** 18:67-83.
- Malcolm, J.R. 1991. Comparative abundances of Neotropical small mammals by trap height. **Journal of Mammalogy** 72:188-192.
- Musiani, M. & P.C. Paquet, 2004. The practices of wolf persecution, protection, and restoration in Canada and the United States. **BioScience** 54: 50-60.
- Naughton-Treves, L., R. Grossberg & A. Treves, 2003. Paying for tolerance: rural citizens' attitudes toward wolf depredation and compensation. **Conservation Biology** 17:1500-1511.
- Oliveira, F.F. & A. Langguth, 2004. Pequenos mamíferos (Didelphimorphia e Rodentia) de Paraíba e Pernambuco, Brasil. **Revista Nordestina de Zoologia** 18:19-85.
- Oliveira, J.A., P.R. Gonçalves & C.R. Bonvicino, 2003. Mamíferos da Caatinga, pp. 275-336. In: Leal, I.R.; M. Tabarelli & J.M. Cardoso da Silva (Eds) **Ecologia e Conservação da Caatinga**. Universidade Federal de Pernambuco.

- Pires, A.S., P.K. Lira, F.A.S. Fernandez, G.M. Schittini & L.C. Oliveira, 2002. Frequency of movements of small mammals among Atlantic Coastal forest fragments in Brazil. **Biological Conservation** 108:229-237.
- Pontes, A.R.M. & M.A.O.M. Cruz, 1995. Home range, intergroup transfers, and reproductive status of common marmosets *Callithrix jacchus* in a forest fragment in north-eastern Brazil. **Primates** 36:335-347.
- Santos, C.N. 1992. **Levantamento da mastofauna terrestre em áreas de mata ciliar da Estação Ecológica da Serra de Itabaiana–Se.** Monografia, Universidade Federal de Sergipe.
- Sjögren-Gulve, P. & T. Ebenhard (eds.), 2000. The use of population viability analyses in conservation planning. **Ecological Bulletins** 48.
- Stevens, S. & T.P. Husband, 1998. The influence of the edge on mammals: evidence from Brazilian Atlantic Forest fragments. **Biological Conservation** 85:1-8.
- Strier, K.B. 2000. Population viabilities and conservation implications for muriquis (*Brachyteles arachnoids*) in Brazil's Atlantic Forest. **Biotropica** 32: 903-913.
- Sousa, M.A.N., A. Langguth & E. A. Gimenez, 2004. Mamíferos dos Brejos de Altitude, pp. 229-254. *In: Brejos de altitude em Pernambuco e Paraíba: História natural, ecologia e conservação.* (Porto, K.C., J.J.P. Cabral & M. Tabarelli, Eds). Ministério de Meio Ambiente, Brasília.
- Voss, R.S. & L.H. Emmons, 1996. Mammalian diversity in Neotropical lowland rainforests: a preliminary assessment. **Bulletin of the American Museum of Natural History** 230:1-115.
- Wetzel, R.M. 1982. Systematics, distribution, ecology, and conservation of South American edentates, pp. 345-375. *In: Mammalian biology in South America.* (Mares, M.A. & H.H. Genoways, Eds). The Pymatuning Simposia in ecology. VI. Special Publication of Ecology, University of Pittsburg.

Tabela 1. Mamíferos não-voadores registrados no domo de Itabaiana nos habitats aberto (Ar), fechado (Fc) e tipo de registro (Rg).

Táxon e Nome Popular	Rg	Ar	Fc	Fonte
<b>Carnivora</b>				
Canidae				
<i>Cerdocyon thous</i> (Linnaeus, 1766) raposa	avistado	X		1
Felidae				
<i>Felis tigrina</i> Schreber, 1755 gato-do-mato	avistado		X	2
<b>Didelphimorphia</b>				
Didelphidae				
cuíca, gambá, saruê, mucura				
<i>Didelphis albiventris</i> Lund, 1840	coletado	X	X	1,3
<i>Didelphis aurita</i> Wied-Neuwied, 1826	coletado		X	3
<i>Marmosa murina</i> (Linnaeus, 1758)	coletado		X	1,3
<i>Monodelphis americana</i> (Müller, 1776)	coletado		X	3
<i>Metachirus nudicaudatus</i> (E. Geoffroy, 1803)	coletado		X	1,4
<b>Lagomorpha</b>				
Leporidae				
<i>Sylvilagus brasiliensis</i> (Linnaeus, 1758) tapiti, coelho	avistado	X	X	1,3
<b>Primates</b>				
Callitrichidae				
<i>Callithrix jacchus</i> (Linnaeus, 1758) sagui	avistado	X	X	1,3
<b>Rodentia</b>				
Muridae (Sigmodontinae)				
rato				
<i>Nectomys squamipes</i> (Brants, 1827)	coletado		X	1,3
<i>Oryzomys subflavus</i> (Wagner, 1842)	coletado	X	X	1,3
<b>Xenarthra</b>				
Myrmecophagidae				
<i>Tamandua tetradactyla</i> (Linnaeus, 1758) tamanduá-mirim	avistado		X	3

Fonte: 1 presente estudo, 2 CMCarvalho (com. pes.), 3 Santos (1992), 4 Husband *et al.*, (1992).

Tabela 2. Marsupiais e roedores de ocorrência (Ocor) potencial nos habitats aberto (Ar) e fechado (Fc) do P.N. Serra de Itabaiana, de acordo com a literatura vigente.

Táxon	Ar	Fc	Ocor	Fonte
<b>Didelphimophia</b>				
Didelphidae				
<i>Caluromys philander</i> (Linnaeus, 1758)		X	Possível	1
<i>Gracilinanus agilis</i> (Burmeister, 1840)	X		Provável	1
<i>Marmosops incanus</i> (Lund, 1840)		X	Possível	2
<i>Micoureus demerarae</i> (Thomas, 1905)	X	X	Provável	2
<i>Monodelphis domestica</i> (Wagner, 1842)	X	X	Provável	2
<b>Rodentia</b>				
Muridae (Sigmodontinae)				
<i>Akodon af. cursor</i> (Winge, 1887)		X	Provável	2
<i>Calomys expulsus</i> (Lund, 1841)	X		Provável	1
<i>Holochilus sciureus</i> Wagner, 1842	X	X	Provável	1
<i>Necomys lasiurus</i> (Lund, 1841)	X	X	Provável	2
<i>Oecomys bahiensis</i> Hershkovitz, 1960		X	Possível	1
<i>Oligoryzomys nigripes</i> (Olfers, 1818)	X	X	Possível	3
<i>Oligoryzomys stramineus</i> Bonvicino & Weksler, 1998	X		Provável	3
<i>Oryzomys oniscus</i> Thomas, 1904		X	Provável	1
<i>Oryzomys russatus</i> (Wagner, 1848)		X	Provável	1
<i>Oxymycterus angularis</i> Thomas, 1909		X	Provável	1
<i>Rhipidomys mastacolis</i> (Lund, 1840)		X	Provável	4
<i>Wiedomys pyrrhorhinos</i> (Wied, 1821)	X		Provável	1
<i>Chaetomys subspinosus</i> (Olfers, 1818)		X	Possível	5
<i>Phillomys</i> sp.		X	Possível	6
<i>Trichomys apereoides</i> Lund, 1839	X		Provável	1
<i>Trinomys</i> sp.		X	Possível	7
Caviidae				
<i>Cavia aperea</i> Erxleben, 1777		X	Possível	1
<i>Galea spixii</i> (Wagler, 1831)	X		Provável	1
<i>Kerodon rupestris</i> (Wied, 1820)	X		Provável	1
Agoutidae				
<i>Agouti paca</i> (Linnaeus, 1766)	X	X	Possível	8
Dasyproctidae				
<i>Dasyprocta prymnolopha</i> Wagler, 1831	X	X	Provável	1
Erethizontidae				
<i>Coendou prehensilis</i> (Linnaeus, 1758)		X	Provável	2
<i>Sphigurus insidiosus</i> (Lichtenstein, 1818)		X	Provável	7

Fonte: 1 Oliveira & Langguth (2004), 2 Fonseca *et al.* (1996), 3 Bonvicino & Weksler (1998), 4 Stevens & Husband (1998), 5 IBAMA (2003), 6 Emmons *et al.* (2002), 7 Eisenberg & Redford (1999), 8 Sousa *et al.* (2004).

Tabela 3. Mamíferos edentados, carnívoros, primatas e ungulados de ocorrência (Ocor) potencial nas áreas abertas (Ar) e fechadas (Fc) do domo de Itabaiana, de acordo com a literatura vigente.

Táxon e Nome Popular	Ar	Fc	Ocor	Fonte
<b>Xenarthra</b>				
Bradypodidae				
<i>Bradypus variegatus</i> Schinz, 1825 preguiça-bentinho		X	Provável	1
<i>Bradypus torquatus</i> Desmarest, 1816 preguiça-de-coleira		X	Possível	2
Dasypodidae				
<i>Cabassous unicinctus</i> (Linnaeus, 1758) tatu-de-rabo-mole	X	X	Provável	3
<i>Dasypus novemcinctus</i> (Linnaeus, 1758) tatu-galinha		X	Provável	4
<i>Dasypus septemcinctus</i> (Linnaeus, 1758) tatu-galinha-pequeno	X	X	Provável	3
<i>Euphractus sexcinctus</i> (Linnaeus, 1758) tatu-peba	X	X	Provável	4
<i>Tolypeutes tricinctus</i> (Linnaeus, 1758) tatu-bola	X	X	Possível	2
<b>Carnivora</b>				
Felidae				
<i>Felis yagouaroundi</i> E. Geoffroy, 1803 jaguarundi	X	X	Provável	3
<i>Felis pardalis</i> Linnaeus, 1758 jaguarundi		X	Possível	3
<i>Felis wiedii</i> Scinz, 1821 gato-maracajá		X	Possível	2
<i>Puma concolor</i> (Linnaeus, 1771) onça-parda	X	X	Possível	2
Mustelidae				
<i>Conepatus semistriatus</i> (Boddaert, 1784) zorrião	X		Provável	3
<i>Eira barbara</i> (Linnaeus, 1758) irara		X	Provável	3
<i>Galictis vittata</i> (Schreber, 1776) furão	X	X	Provável	3
Procyonidae				
<i>Nasua nasua</i> (Linnaeus, 1766) coati	X	X	Provável	3
<i>Procyon cancrivorus</i> (F. Cuvier, 1798) mão-pelada	X	X	Provável	3

Tabela 3 (continuação). Mamíferos edentados, carnívoros, primatas e ungulados de ocorrência (Ocor) potencial nas áreas abertas (Ar) e fechadas (Fc) do domo de Itabaiana, de acordo com a literatura vigente.

Táxon e Nome Popular	Ar	Fc	Ocor	Fonte
<b>Primates</b>				
Cebidae				
<i>Cebus xanthosternos</i> (Wied-Neuwied, 1826) macaco-prego-do-peito-amarelo	X	X	Possível	2
Pitheciidae				
<i>Callicebus coimbrai</i> Kobayashi & Langguth, 1999 guió-de-sergipe		X	Possível	5
<i>Callicebus barbarabrownae</i> Hershkovitz, 1990 guió-de-barbarabrown	X		Possível	2
<b>Artiodactyla</b>				
Cervidae				
<i>Mazama americana</i> (Erxleben, 1777) veado-mateiro	X	X	Provável	3
<i>Mazama gouazoubira</i> (G. Fischer, 1814) veado-roxo	X	X	Possível	2
Tayassuidae				
<i>Tayassu tajacu</i> (Linnaeus, 1758) cateto	X	X	Possível	3

Fonte: 1 Wetzel (1981), 2 Eisenberg & Redford (1993), 3 Oliveira *et al.* (2003), 4 Fonseca *et al.* (1996), 5 Jerusalinsky *et al.* (2005).